

DESCOBERTA DE JAZIDA DA IDADE DO BRONZE NA TAPADA DA AJUDA (1)

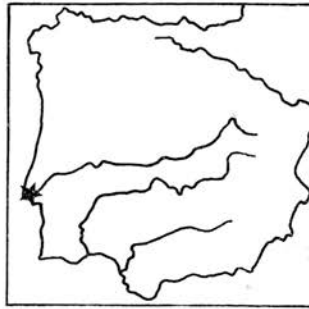
J. L. CARDOSO, J. ROQUE, F. PEIXOTO e F. FREITAS

1 — LOCALIZAÇÃO

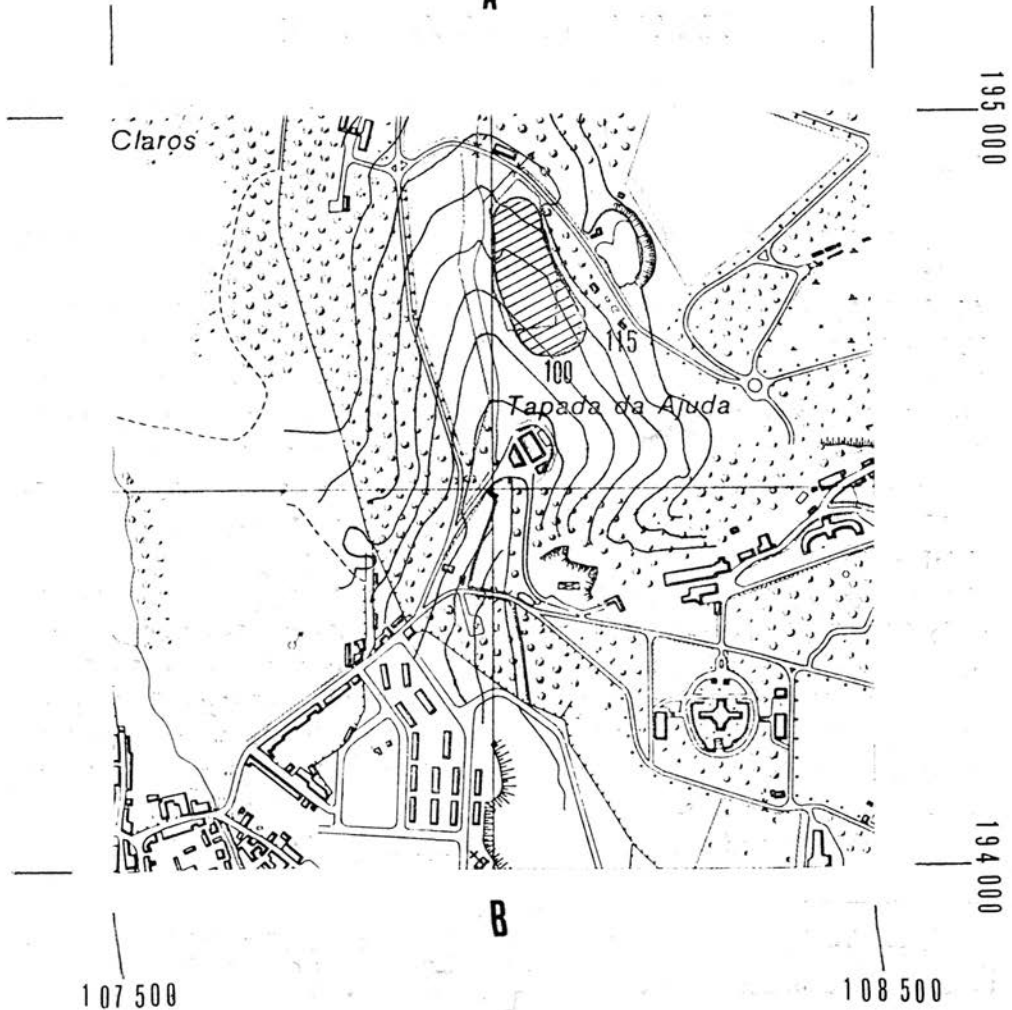
A jazida pré-histórica de que nos iremos ocupar, situa-se no perímetro urbano da cidade de Lisboa, em área pertencente à Tapada da Ajuda. Foi localizada por três dos signatários do presente trabalho (J. R., F. P. e F. F.), que dela deram conhecimento ao outro signatário, o qual informou o Conselho Directivo do Instituto Superior de Agronomia, através de ofício datado de 27 de Julho de 1982 e o Departamento de Arqueologia do I. P. P. C., ao qual foi enviado cópia do mesmo.

A realização de extensa terraplenagem, destruiu grande parte da jazida; de facto, tanto quanto se apurou através da prospecção superficial realizada, do lado Norte da referida terraplenagem, apenas subsiste pequena faixa, observada em corte no talude de escavação aí realizado (Est. I, A), o qual evidenciou ainda acumulações locais de «restos de cozinha», adiante referidos em pormenor (Est. I, B, na qual a barra representa 10 cm). Do lado Sul da obra referida, subsiste ainda zona não destruída (Est. II, A e B), embora grande parte da área original da estação tenha ficado sob os aterros que deste lado se fizeram. Foi esta a zona que maior quantidade de artefactos pré-históricos forneceu, tendo-se também aí localizado concentrações locais de «restos de cozi-

(1) No Verão de 1983, realizou-se campanha de escavações dirigida pelo primeiro dos signatários, que permitiu aprofundar algumas das considerações contidas neste artigo. Está em curso a publicação definitiva destes resultados.



A



195 000

194 000

107 500

108 500

B

Fig. 1 — A — Localização da jazida na Península Ibérica.
B — Área de distribuição provável dos artefactos na carta 1/10 000.

na». Do lado ocidental da referida terraplenagem, não se observaram vestígios significativos, enquanto do lado oriental, a cobertura vegetal, arbustiva, que se prolonga até à estrada, não permitiu quaisquer conclusões. Desta forma, os vestígios indicam uma dispersão original por área alongada, assinalada na Fig. 1, B, desenvolvendo-se entre os 100 e os 115 metros de cota. As coordenadas militares de ponto pertencente à zona ainda não destruída, são as seguintes:

X = 108 075

Y = 197 770

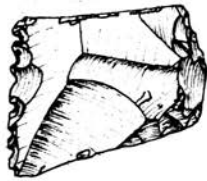
2 — CONDIÇÕES GEOLÓGICAS E GEOMORFOLÓGICAS E AMBIENTE ARQUEOLÓGICO

A zona em questão, é constituída por derrames lávicos pertencentes à 5.^a escoada do Complexo Basáltico de Lisboa (Jesus e Zbyszewski, 1952). Os cortes realizados para a construção do terraplano referido, evidenciaram a presença de substrato profundamente alterado, sobreposto por horizonte de solo agrícola, basáltico, com a espessura média de cerca de um metro, de coloração castanho-escuro. Foi nesta camada homogénea, que se identificaram os «restos de cozinha» já referidos (com cerca de 20 cm de espessura) e que pela sua posição, aliada ao facto da quase totalidade do espólio se ter encontrado à superfície, sugere estruturas habitacionais a pequena profundidade, caso se tenham conservado.

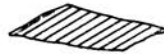
Do ponto de vista geomorfológico, trata-se de local situado em encosta sem quaisquer condições naturais de defesa, com declive suave, fértil, no fundo da qual corre linha de água, hoje de pouca importância, que iria desaguar no rio Tejo, próximo da actual Feira das Indústrias de Lisboa.

O ambiente arqueológico da zona, é também fértil, embora as estações até agora referidas, na sua maioria, pertençam a períodos anteriores. Na Carta Geológica de Lisboa, na escala de 1/20 000, editada em 1940 pelos Serviços Geológicos de Portugal, encontra-se assinalada, na área da Tapada da Ajuda, jazida paleolítica de superfície⁽²⁾. Antes, já Possidónio da Silva (1880) dali tinha descrito sepultura pré-

⁽²⁾ Na zona que nos ocupa, recolheram-se também vários artefactos tipicamente mustierenses.



1



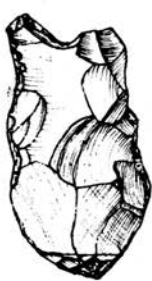
2



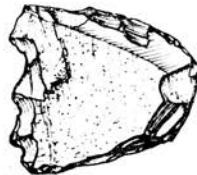
3



4



5



6

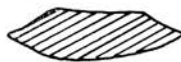


Fig. 2 — Elementos de foice.

-histórica, contendo, como único mobiliário, «uma ponta de frecha de sílex» (in A. do Paço, 1945). Este arqueólogo, ao estudar a estação de Montes Claros, apresenta inventário das jazidas mais próximas, referindo, para além da sepultura da Tapada da Ajuda, as seguintes: ⁽³⁾

- cerca dos Jerónimos («habitat») — Neo-Calcolítico
- Quinta do Almargem (») — » »
- Sete Moinhos (») — » »
- Vila Pouca (») — » »
- Montes Claros (») — » »
- Moinho do Alferes (») — » »
- Túnel do Rossio (exploração pré-história de sílex) Neo-Calcolítico
- Cova da Moura e Cova da Onça (necrópoles?) » »
- grutas dos Prazeres (necrópoles) » »

3 — INVENTÁRIO DO MATERIAL RECOLHIDO

3.1. — Indústria lítica

Foi toda de recolha superficial, à excepção de várias lascas atípicas, de sílex, de dois elementos de foice e de um raspador denticulado, encontrados nos «restos de cozinha» e associados a fragmentos cerâmicos.

3.1.1. — Elementos de foice denticulados sobre lasca

Peças de contorno em crescente (Fig. 2, 3; Fig. 4, 14, 21)

- 15 exemplares, dos quais dois feitos sobre lascas de secção sub-trapezoidal.

Dimensões do maior — 35x26x7 mm

» » menor — 21x15x6 mm

Comprimento médio dos gumes — 25 mm

Peças de contorno sub-triangular a sub-trapezoidal (Fig. 2, 2, 4, 6; Fig. 3, 7, 10; Fig. 4, 15, 16, 17, 23)

- peças alongadas, espessas, frequentemente de talhe bifacial desenvolvido:

⁽³⁾ Recentemente, na Tapada da Ajuda, localizou-se necrópole romana, tendo-se efectuado escavação de emergência (dirigida pelo Dr. Clementino Amaro, do Departamento de Arqueologia do I. P. P. C.).

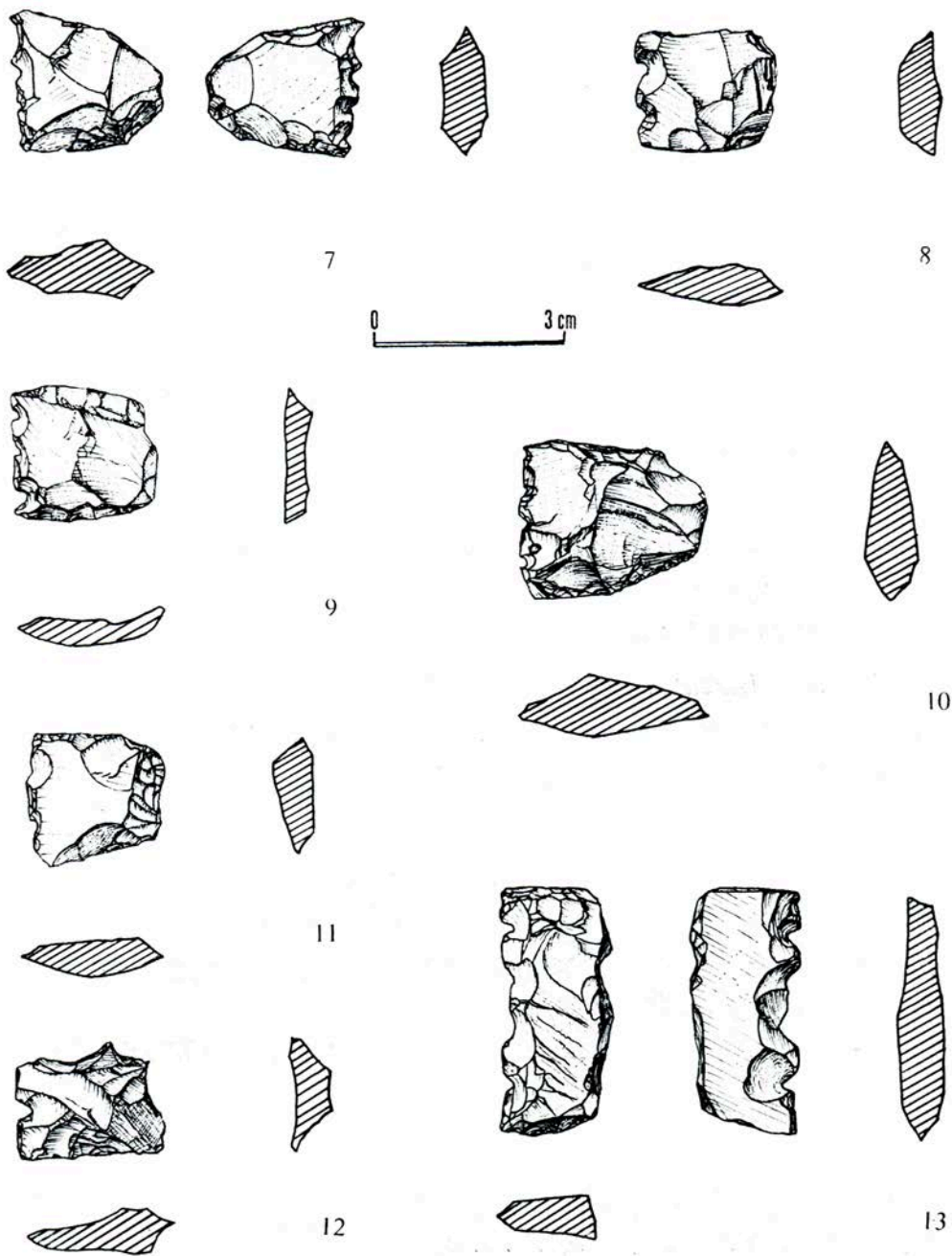


Fig 3.— Elementos de foice.

- 12 exemplares.
 Dimensões do maior — 37x32x19 mm
 » » menor — 23x24x 9 mm
 Comprimento médio dos gumes — 24 mm
- peças planas, conservando mais intensamente as características das lascas originais:
- 11 exemplares.
 Dimensões do maior — 27x27x7 mm
 » » menor — 21x23x6 mm
 Comprimento médio dos gumes — 23 mm
- peças de menores dimensões, espessas e de talhe sumário:
- 5 exemplares.
 Dimensões do maior — 21x23x8 mm
 » » menor — 16x23x8 mm
 Comprimento médio dos gumes — 17 mm

Peças de contorno sub-rectangular a sub-quadrangular (Fig. 2,1; Fig. 3, 8, 9, 11, 12, 13; Fig. 4, 18, 19, 20, 22).

- peças espessas predominantemente de contorno sub-quadrangular:
- 12 exemplares, dos quais um apresenta talhe bifacial quase totalmente cobridor (Fig. 4, 22).
 Dimensões do maior — 32x38x15 mm
 » » menor — 27x27x 7 mm
- peças de contorno sub-rectangular, de menores dimensões e gumes perpendiculares ao eixo maior:
- 17 exemplares.
 Dimensões do maior — 25x25x10 mm
 » » menor — 15x22x 4 mm
 Comprimento médio dos gumes — 19 mm
- peças de contorno sub-rectangular, com gumes paralelos ao eixo maior, conservando intensamente as características das lascas originais:

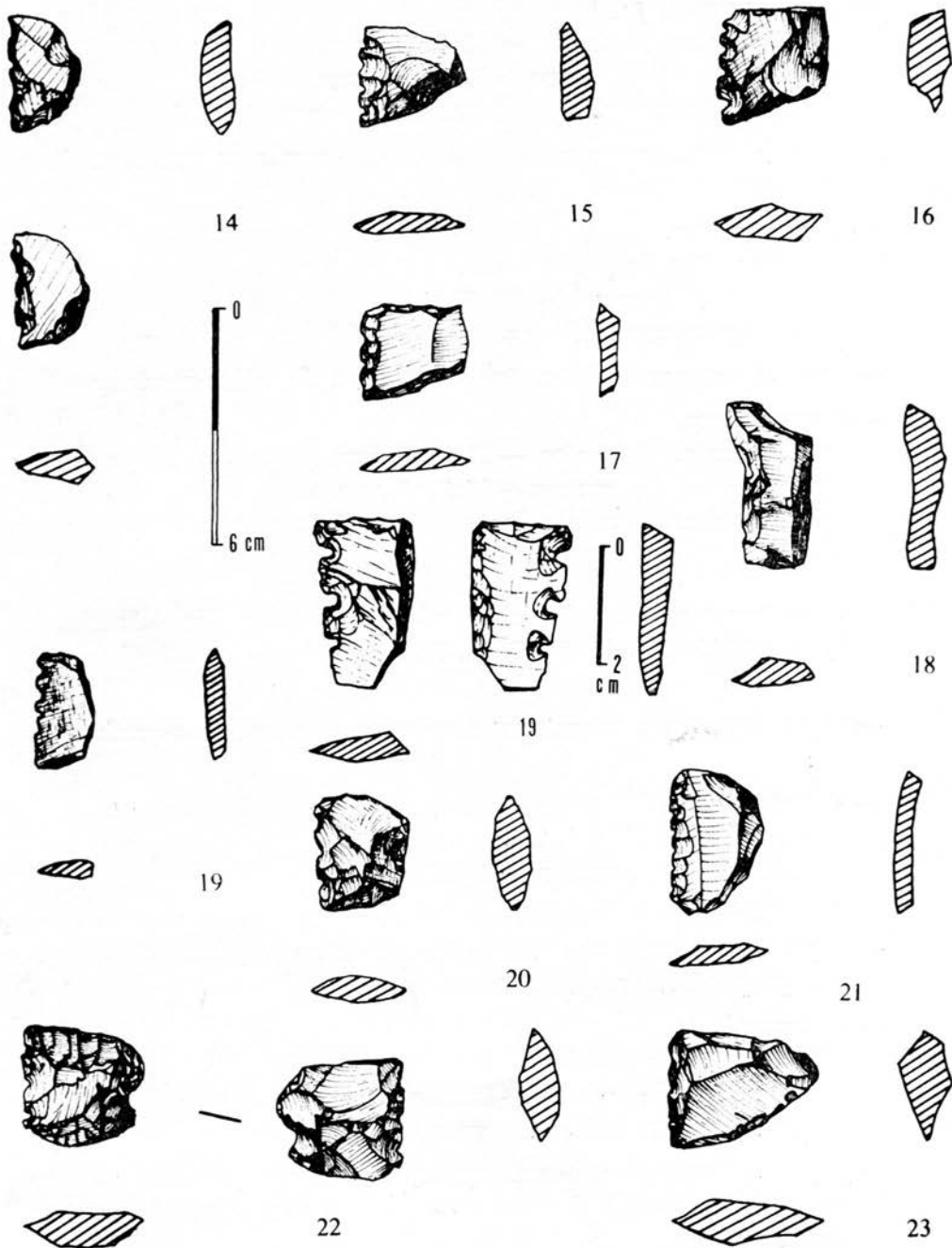


Fig. 4—Elementos de foice.

- 14 exemplares, dos quais um talvez inacabado (Fig. 4, 18).
 Dimensões do maior — 40x30x10 mm
 » » menor — 24x19x12 mm
 Comprimento médio dos gumes — 22 mm
- peças planas, de contorno sub-rectangular, conservando quase integralmente as superfícies das lascas originais;
- 10 exemplares, diferindo dos anteriores pelo facto do trabalho ser ainda mais reduzido, limitando-se, em sete exemplares, a pequenos retoques junto do bordo cortante. Três outros, pelo contorno alongado que apresentam, poderiam pertencer a elementos terminais de foices; um deles é de quartzito (Fig. 4, 19).
 Dimensões do maior — 32x15x6 mm
 » » menor — 18x13x4 mm
 Comprimento médio dos gumes — 22 mm

Peças atípicas

- 40 exemplares sobre lascas de formatos irregulares, em geral muito sumariamente afeiçãoadas.
 Dimensões do maior — 42x30x14 mm
 » » menor — 16x18x 6 mm

3.1.2. — *Outros artefactos*

Recolheram-se diversos artefactos atípicos, na sua maioria, de sílex, cuja patine aponta para época próxima dos elementos de foice descritos, sendo seguramente pós-paleolítica. A falta de indicações estratigráficas, impede conclusão segura sobre a sua idade. De facto, apenas um raspador denticulado e várias lascas atípicas foram recolhidos nos «restos de cozinha», estes de datação precisa, pela cerâmica que contém; refira-se ainda três «enches», cuja técnica lembra, em certos casos, a dos elementos de foice. No conjunto, os artefactos integrados nesta rubrica são os seguintes:

- 9 raspadores simples convexos laterais, sobre lascas em geral de formas irregulares, trabalhadas por pequenos retoques junto dos bordos, dos quais um é denticulado.

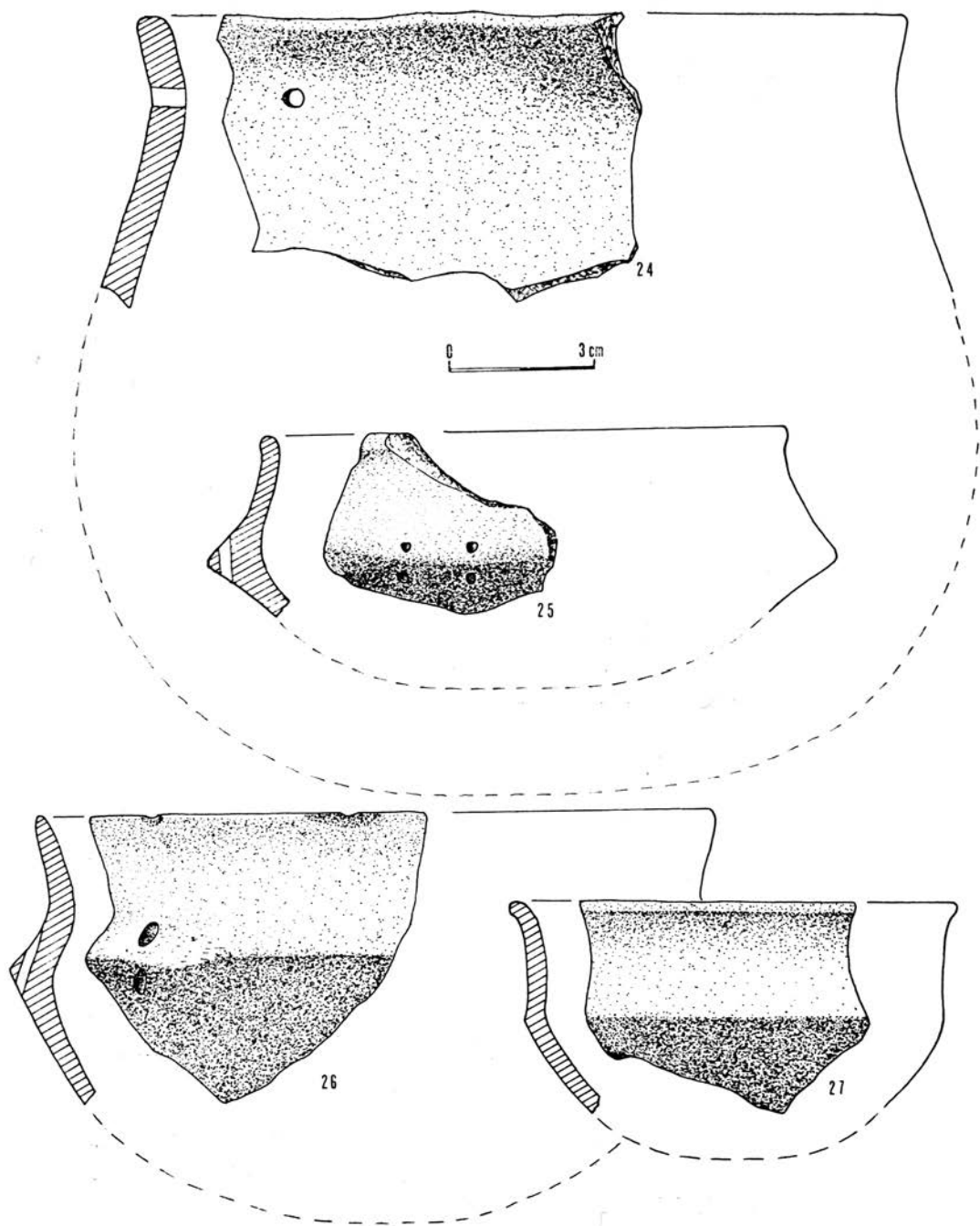


Fig. 5—Espólio cerâmico: n.º 24—Pote em forma de «saco»; n.ºs 25, 26 e 27—
Taças carenadas.

- 3 «encoches», sendo: uma sobre lasca; outra, terminal, realizada segundo a técnica dos elementos de foice, de talhe bifacial abrangendo a totalidade de ambas as faces (Fig. 2,5); uma terceira, realizada sobre fragmento de núcleo, com sinais de utilização.
- 39 lascas atípicas e fragmentos diversos.
- 2 percutores de sílex.

3.2. — *Indústria cerâmica*

Foi, igualmente, quase toda, de recolha superficial, exceptuando-se alguns fragmentos, provenientes dos «restos de cozinha», dos quais quatro tipologicamente bem definidos. A lista a seguir apresentada, refere-se apenas a esta última categoria de fragmentos.

3.2.1. — *Cerâmica lisa*

- 2 fragmentos de taças carenadas reconstituíveis, das quais uma com bordo ligeiramente diferenciado e outra, com ligeira protuberância mamilar na carena, perfurada quase verticalmente (Fig. 5, 26, 27). Um deles foi recolhido nos «restos de cozinha».
- 2 fragmentos de possíveis vasos esferoidais, de grandes dimensões, com pegas alongadas horizontalmente (Fig. 6, 29, 31).
- 1 fragmento de asa de grande vaso (Fig. 6, 33).
- 2 fragmentos de vasos indeterminados (Fig. 6, 28, 30), recolhidos nos «restos de cozinha».
- 1 fragmento de taça carenada, com bordo ligeiramente diferenciado e protuberância mamilar na carena, com 2 perfurações verticais (Fig. 5, 25), recolhida nos «restos de cozinha».
- 1 fragmento de vaso esférico, com perfuração horizontal junto do bordo (fig. 5, 24), recolhido nos «restos de cozinha».

3.2.2. — *Cerâmica decorada*

- 1 fragmento com decoração incisa, possivelmente de vaso esférico (Fig. 6, 32).

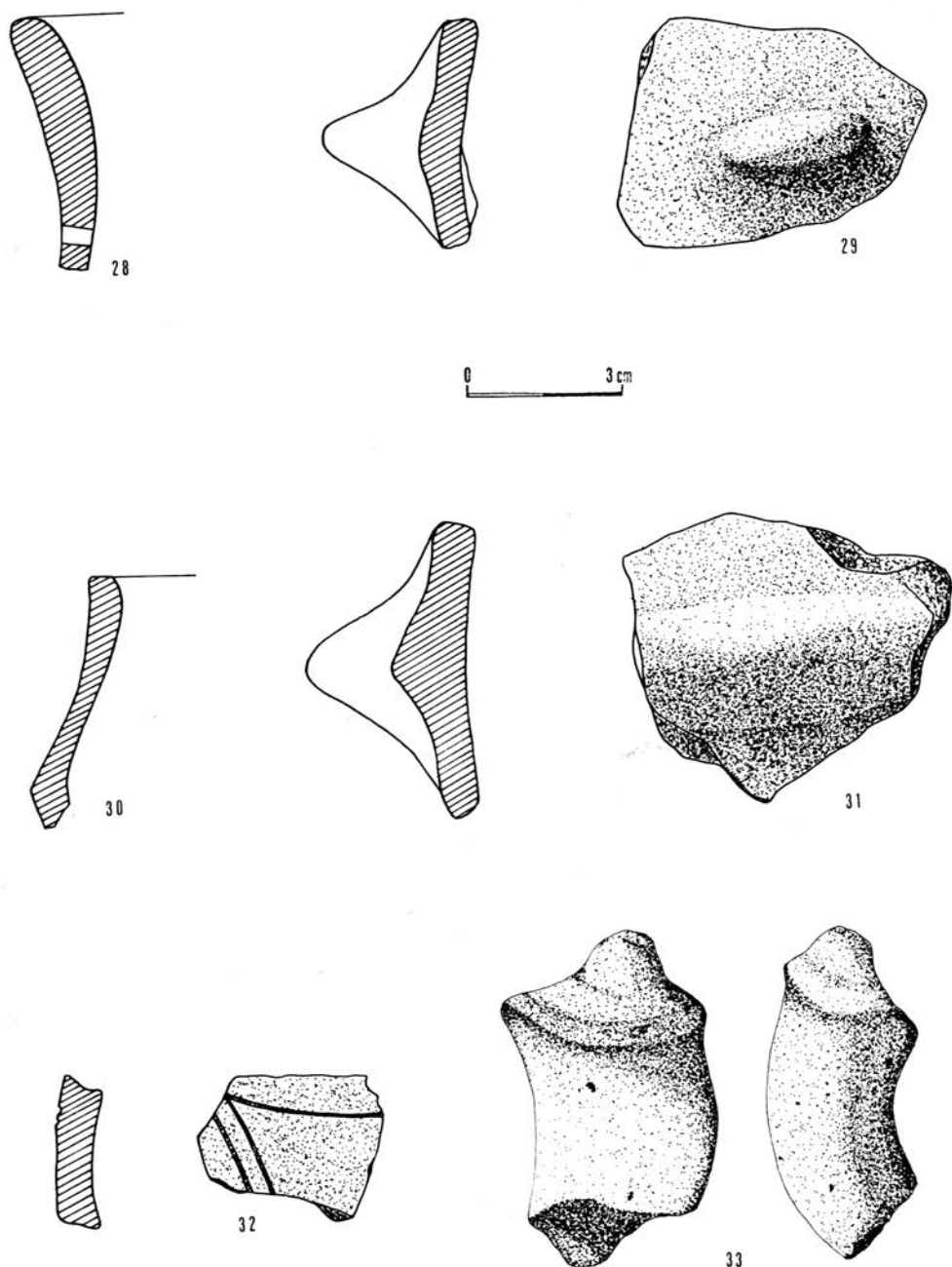


Fig. 6 — Espólio cerâmico: n.ºs 28, 30 — Fragmentos de bordos; n.ºs 29, 31 — Fragmentos com pegas; n.º 32 — Fragmento com decoração incisa; n.º 33 — Fragmento de asa.

3.3. — Fauna malacológica e mamalógica (4)

Os «restos de cozinha», sobretudo constituídos por restos de conchas, forneceram as seguintes espécies:

Glycimeris glycimeris

Littorina littorea

Patella coerulea

Patella sp.

Trochocochlea lineata

Ostrea edulis

A fauna mamalógica recolhida, para além de ossos não identificados, resume-se a dentes de:

Bos sp.

Capra sp. ou *Ovis* sp.

As espécies e géneros referidos, resultaram de rápida recolha efectuada nos «restos de cozinha» cortados pelo talude de escavação realizado. Lista mais extensa seria certamente possível, se se tivesse procedido a investigação mais aprofundada (5).

4 — ANÁLISE DO MATERIAL RECOLHIDO

4.1 — Indústria lítica

Na indústria lítica, avulta o elevado número de elementos de foice recolhidos (136 exemplares), constituindo o maior conjunto até agora dado a conhecer. São todos de sílex, exceptuando-se dois, um de quartzito (Fig. 4, 19) e outro, de calcedónia. A totalidade deles evidencia trabalho sobre lascas, cujo formato original condicionou muitas vezes a tipologia dos artefactos, em particular quando o trabalho se resumiu a pequenos retoques executados junto de um ou de ambos os bordos laterais. Outros há, contudo, que evidenciam lascamento bifacial cobridor, de tradição mais antiga (Fig. 4, 22).

(4) Agradece-se aos Doutores G. Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira, a classificação deste material.

(5) Para esse fim, recolheu-se amostras intactas dos referidos restos.

O modo como os gumes foram obtidos, justifica também alguns comentários:

- nuns casos, em particular nos exemplares de maiores dimensões e mais espessos, utilizou-se percutor macio, de madeira ou osso, actuando tangencialmente ao plano da lasca, apoiada ou não sobre bigorna e perpendicularmente ao bordo que se desejava denticular, de que resultavam levantamentos pouco profundos e pouco inclinados; em certos casos, é possível que também fosse utilizado o lascamento por pressão manual.
- os bordos obtidos pelo processo anterior, apresentam, na maioria dos casos, retoques finíssimos secundários, sobrepostos aos negativos anteriormente tirados. A profundidade deles, o seu recorte, muito bem marcado e de contorno semi-circular perfeito, sugere a utilização de punção, provavelmente metálico, actuando perpendicularmente ao plano da lasca, apoiada ou não sobre bigorna. Desta maneira, obtinham-se gumes profundamente denticulados (Fig. 2, 1, 3; Fig. 3, 8; Fig. 4, 15, 16; Est. IV e Est. V) mesmo observáveis em peças com intensos vestígios de uso (Est. III). Por outro lado, nas lascas de menores dimensões e espessura, utilizou-se directamente esta técnica, sobre os bordos originais respectivos, conforme se pode observar em vários exemplares (Fig. 4, 19).

Ainda a propósito da técnica de lascamento destes elementos de foice, lembre-se a judiciosa observação de G. Marques e G. M. Andrade (1974), acerca dos exemplares por eles recolhidos nos «casais agrícolas» da baixa Península de Lisboa, coevos da estação de que se está a tratar: «Estes dentes de foice são sempre talhados sobre lasca e distinguem-se nitidamente por esta característica e pelo tipo especial de retoque pontuado com que era obtido o respectivo serrilhado, dos dentes de foice igualmente de sílex, talhados sobre lâmina, de que se recolheram vários exemplares, em estações de culturas bastante anteriores.» Com efeito, relativamente a esta última observação, da consulta bibliográfica efectuada, apesar de necessariamente incompleta, confirmou-se que a maioria dos exemplares publicados de variados tipos de estações neo e calcolíticas — antas alentejanas de Reguengos de Monsarás, e dos arredores de Lisboa e nas grutas naturais e povoados calcolíticos da Estremadura, predominam as peças alongadas, laminiformes

(lâminas e lascas laminares da terminologia de A. L.-Gourhan, 1968), de secção subtriangular ou subtrapezoidal, enquanto que os exemplares compulsados de jazidas de Idade do Bronze, são exclusivamente sobre lasca. São elas:

Serra Alta ⁽⁶⁾ — castro alentejano, que forneceu 6 exemplares sobre lascas (R. Parreira e A. Monge Soares, 1980).

Outeiro do Circo — castro alentejano, donde se publicaram 6 exemplares, igualmente sobre lascas (R. Parreira, 1975; R. Parreira e A. Monge Soares, 1980).

Cerradinha — povoado do litoral alentejano, sem condições naturais de defesa, onde se identificou apenas um instrumento em pedra lascada, precisamente elemento de foice denticulado sobre lasca (C. Tavares da Silva e J. Soares, 1978).

Marchil — povoado do litoral algarvio, sem condições naturais de defesa, escavado em 1978 por C. de Mello Beirão, J. Pinho Monteiro, M. Varela Gomes, J. Soares e C. Tavares da Silva. Forneceu vários elementos de foice sobre lasca, «in situ» (informação prestada pelos dois últimos autores citados).

Todos estes povoados são atribuídos ao Bronze final.

Pessegueiro — povoado do período II do Bronze do Sudoeste (C. Tavares da Silva e J. Soares, 1981), o qual forneceu vários elementos de foice sobre lasca, de que se recolheu um exemplar na área do monumento I de necrópole do mesmo nome (C. Tavares da Silva e J. Soares, 1979).

«*Habitats*» do *Concelho de Cascais e do Concelho de Oeiras* — quis G. Cardoso facultar a lista das estações existentes nos concelhos referidos, que tão bem conhece, onde recolheu elementos de foice sobre lasca, juntamente com cerâmica da Idade do Bronze, facto que os autores lhe agradecem. São elas:

Cabeço dos Mouros (Freguesia de Alcabideche, Concelho de Cascais).

Conceição da Abóboda (Freguesia de S. Domingos de Rana, Concelho de Cascais). Possui estratigrafia.

Serigado (idem).

⁽⁶⁾ Agradece-se à Dr.^a F. Kalb, do I. A. A., a ajuda prestada na tradução deste artigo.

Alto dos Cabeços (Freguesia de Barcarena, Concelho de Oeiras) — Encontra-se situada cerca de 1 quilómetro a Norte de Leião e também, como a estação que nos ocupa, em vertente de declive suave. Nela se recolheram dezenas de elementos de foice sobre lasca (trata-se de local já referido por G. Marques e G. M. Andrade (1974) como «casal agrícola» (7)).

«*Habitats*» dos arredores da *Amadora* — J. Ollivier (1946) estudou vários elementos de foice sobre lasca, muito semelhantes aos agora apresentados, encontrados nas jazidas de Borel-Horta e Casal dos Aldeões (referido como «casal agrícola» por G. Marques e G. M. Andrade, 1974), situadas, tal como a presente, sobre o «Complexo Basáltico de Lisboa» e sem quaisquer condições naturais de defesa. Dado constituírem jazidas de superfície, onde se recolhem artefactos de épocas muito diferentes, especialmente paleolíticos, e apesar da cerâmica possuir formas integráveis na Idade do Bronze, não é possível avançar cronologia segura para os artefactos referidos.

*

* *

As lâminas ou lascas com serrilhado num dos bordos, foram, durante muito tempo, designadas também por «serras». Assim foi, por exemplo, com o exemplar representado por A. do Paço e E. Jalhay (1935), proveniente da Gruta II da necrópole de Alapraia (dos raros elementos sobre lasca atribuíveis ao neo-calcolítico), ou com os exemplares recolhidos por estes arqueólogos no castro de Vila Nova de S. Pedro, publicados em 1939, embora já nesse trabalho os autores tenham mencionado a foice reconstituída por Bonsor, proveniente de Acébuchal. Em 1943, atribuem-nos indistintamente a elementos de serras e de foices (Fig. 14, p-r), para em 1945 os considerarem exclusivamente como elementos de foice. A razão para tal mudança de opinião, residiria na observação de que o fio dentado «apenas serviria, segun Cartailhac, para estorbar la opération cortante (8)». Com efeito, já em 1892, este arqueólogo tinha assinado correctamente a sua identidade, após ter examinado, em Londres, as

(7) E. da Cunha Serrão *et al.* (1980), publicou alguns exemplares desta estação, provenientes de recolhas de G. M. Andrade e J. J. Fernandes Gomes.

(8) Acrescente-se que o encabamento inerente a estes pequenos artefactos, iria impossibilitar a progressão do avanço do corte de madeiras, caso se quisesse admitir a sua utilização como «elementos de serra». 1933.

descobertas de Flynders Petrie no Egipto (*in* J. Olivier, 1946), acrescentando «tous, ont eu évidemment la même destination, ce sont des restes de faucilles. Leurs divers caractères s'expliquent des lors, et ne s'expliquent pas autrement» (*in* J. Ollivier, 1946). E. Cunha Serrão *et al.* (1980), tendo feito análise dos microvestígios de uso de exemplares da estação do Sirgado (Oeiras), achou-os compatíveis com a designação geralmente aceite. De facto, a análise dos microvestígios de uso pode prestar importante contributo sobre a utilização dos artefactos pré-históricos. Tal metodologia foi, ao que sabemos, usada pela primeira vez por E. Cecil Curwen (1930), tendo-os então atribuído a «elementos de foice» e a «elementos de serra», consoante o brilho fosse, respectivamente, «liso» ou «estriado». Tal critério foi refutado por Neuville (1934), cujos ensaios experimentais não lhe sugeriram qualquer utilização diferenciada. Semenov (1964) define os atributos que permitem reconhecer os artefactos aplicados em «foices». Note-se, ainda, que J. Ollivier, no trabalho já referido, menciona alguns sílices dentados, por ele recolhidos, aos quais atribui utilização diferente da de elementos de foices, admitindo que alguns deles «ne sont autres que des éléments de 'tribulum' romain, ou d'instruments dits 'trilhos' em portugais, encore récemment utilisés⁽⁹⁾».

A terminar, refira-se que é intenção dos autores proceder à reconstituição de uma destas foices, testando seguidamente a sua eficiência, comparando-a depois com as de outros tipos e, simultaneamente, observar os vestígios de uso nelas produzidos.

4.2 — Indústria cerâmica

Os fragmentos cerâmicos são quase exclusivamente de colheitas superficiais, exceptuando-se no entanto a maior parte dos fragmentos tipologicamente mais definidos (por se encontrarem melhor conservados), recolhidos «in situ» nos «restos de cozinha», em estreita associação aos sílices já referidos. Certamente que investigação mais aprofundada, teria conduzido à obtenção de uma muito maior variedade tipológica.

As pastas, mostram-se em geral de coloração castanho-escura a negra, de granularidade média a grosseira, mesmo nos exemplares mais

⁽⁹⁾ O Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal, possui um trilho com sílices embutidos, cujos gumes, na sua parte exposta, diferem, em geral, dos bordos característicos dos elementos de foice.

finos. A respectiva constituição mineralógica, só poderá ser devidamente estudada, recorrendo a equipamento por ora ainda não disponível. Saliente-se, para já, a existência de pastas com abundantes elementos não plásticos constituídos por cristais de minerais ferromagnesianos, que indicarão, para os respectivos exemplares, fabrico local, a partir da matéria-prima existente nas proximidades, à semelhança do que já antes tinha sido notado por G. Marques e G. M. Andrade (1974). Quanto ao tratamento das superfícies, as dos exemplares mais finos, mostram-se bem alisadas, por vezes ligeiramente brilhantes (alisadas finas a muito finas). Pelo contrário, os exemplares mais grosseiros, de exclusiva recolha superficial, apresentam-nas erodidas, tal como a maioria dos fragmentos indetermináveis que os acompanhavam.

Os fragmentos tipologicamente identificáveis, enquadram-se bem no conjunto das cerâmicas do Bronze final; não se recolheu, contudo, qualquer fragmento da característica cerâmica de retícula brunida, talvez pela razão já atrás apontada (recolhas limitadas à superfície e ao corte referido). De período posterior, já da Idade do Ferro, deverá ser pequeno fragmento recolhido à superfície, de pasta muito fina, de coloração rosa-alaranjada, pertencente a vaso de forma indefinida. Conhecem-se bons paralelos para ele em «habitats» dos arredores da Amadora.

5 — CONCLUSÕES FINAIS

Como conclusões de fim de trabalho, refiram-se os seguintes pontos:

1 — trata-se de «habitat» situado numa encosta de declive suave, de solo fértil e com abundância de água, sem condições naturais de defesa.

2 — as formas cerâmicas tipologicamente definidas, são características da fase final da Idade do Bronze, embora não se exclua a possibilidade de terem atingido os inícios da Idade do Ferro.

3 — o estudo comparativo realizado para os elementos de foice sobre lasca, mostrou que eles são exclusivos, apenas, nas jazidas da Idade do Bronze, ao contrário do que acontecia anteriormente, em que predominavam os exemplares laminiformes. Recolheram-se bons paralelos em «habitats» do período II do Bronze do Sudoeste (Pessegueiro, no litoral do Baixo Alentejo) e do Bronze final — horizonte da cerâmica de retícula brunida (Serra Alta e Outeiro do Circo, no interior baixo-alentejano; Cerradinha, no litoral da mesma região; e Marchil, no litoral algarvio). De qualquer maneira, a sobrevivência do talhe do sílex até época tão

tardia, encontrava-se, por si só, bem documentada no local, pois, conforme se referiu, nos «restos de cozinha», constituídos sobretudo por fauna malacológica, recolheram-se, para além de várias lascas residuais atípicas, dois elementos de foice sobre lasca e um raspador denticulado, artefactos associados a cerâmicas tipologicamente bem definidas do Bronze final, cujas características foram referidas em 3.2.. Pensa-se que outros artefactos líticos (raspadores) possam também pertencer a este período, embora sejam de recolha superficial.

4 — a extrema abundância de elementos de foice, em número de 136, constitui o maior conjunto até agora estudado, o qual, a par das características do local, referidas em 1., salienta bem o carácter agrícola das populações que o ocuparam, facto que está de acordo com a natureza dos «habitats» deste período, conhecidos na região da baixa Península de Lisboa («casais agrícolas», no dizer de G. Marques e G. M. Andrade, 1974). Segundo C. Tavares da Silva e J. Soares (1978), este tipo de povoamento, muito semelhante ao por eles encontrado na Cerradilha, parece «ajustar-se a um modelo de sociedade — ... — caracterizado pela existência de um poder centralizado que dominaria um determinado território...». A ser assim, concluir-se-ia que ao povoamento disperso, característico, no Bronze final, desta fértil e privilegiada região que é a baixa Península de Lisboa, corresponderia um poder político centralizado, que a administraria, levantando-se então o problema da sua localização geográfica. Na verdade, o que seguramente se sabe é que estas populações deveriam ter um dia-a-dia pacífico e sedentário e alimentação variada, contando, além de vegetais e cereais, com marisco, de recolha próxima no estuário do Tejo, onde abundavam as ostras (*Ostrea edule*), facto que se encontra bem expresso nos «restos de cozinha», carne (*Bos* sp., *Capra* sp., ou *Ovis* sp.) e, certamente, também peixe.

5 — a raridade, em período tão avançado da metalurgia, de foices metálicas, as quais se concentram nas zonas mais férteis do território (A. Coffyn, 1978), aliás facto que está de acordo com a distribuição actualmente conhecida para os elementos de foice sobre lasca, poderá ser facilmente explicada, pela recorrência ao sílex, ou a outras rochas duras, cujos elementos, depois de montados em foices, constituiriam por certo alternativa vantajosa, cuja eficiência nos propomos investigar, no futuro, comparando-a depois com a de outros modelos de foices pré-históricas.

BIBLIOGRAFIA

Carta do Concelho de Lisboa na escala de 1/10000. Folha 3, 1978. *Serviços Cartográficos do Exército*, Lisboa.

Carta Geológica de Lisboa na escala de 1/20000 (1940). *Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa.

A. Coffyn (1978) — Une faucille de l'Âge du Bronze à Conimbriga. *Rev. Guimarães*, Vol. LXXXVIII, Guimarães.

E. da Cunha Serrão e E. Prescott Vicente (1980) — Lâminas de sílex ovóides e sub-rectangulares — interpretação funcional. *Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto*, n.º 4, Porto.

E. Cecil Curwen (1930) — Prehistoric flint sickles. *Antiquity*, T. 4.

A. de Jesus e G. Zbyszewski (1952) — Contribution à l'étude du «Complexe basaltique» de Lisbonne. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, T. XXXIII, Lisboa.

A. Leroi — Gourhan (1968) — Tableaux de morphologie descriptive, in *La Préhistoire*, Col. *Nouvelle Clio*, P. U. F., Paris.

G. Marques e G. Miguéis Andrade (1974) — Aspectos da Proto-história do território português. 1 — Definição e distribuição geográfica da Cultura de Alpiarça (Idade do Ferro). *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, Vol. I, Porto.

R. Neuville (1934) — Les débuts de l'agriculture et la faucille pré-historique en Palestine. *Extrait de la Soc. Hébraïque d'exploration et d'archéologie palestiniennes*, Jerusalem.

J. Ollivier (1946) — Les éléments de faucille néo-éolithiques des environs de Lisbonne. *Ethnos*, Vol. III, Lisboa.

A. do Paço e E. Jalhay (1935) — As grutas de Alapraia. *Brotéria*, Vol. XXI, fasc. 2, Lisboa.

A. do Paço e E. Jalhay (1939) — A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro. Notas sobre a 1.^a e 2.^a campanha de escavações — 1937 e 1938. *Brotéria*, Vol. XXVIII, fasc. 6 e Vol. XXIX, fasc. 1, 4 e 5, Lisboa.

A. do Paço e E. Jalhay (1943) — A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro. Escavações de 1942. *Brotéria*, Vol. XXXVII, fasc. 1, Lisboa.

A. do Paço e E. Jalhay (1945) — El castro de Vilanova de S. Pedro. *Actas y Memorias del a Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*, T. 20, Madrid.

A. do Paço e L. Ribeiro (1945) — Estação pré-histórica de Montes Claros. *Revista Municipal*, n.º 20, 21, Lisboa.

R. Parreira (1975) — O povoado da Idade do Bronze do Outeiro do Circo (Beringel/Beja). *Arquivo de Beja*, Vol. XXVIII a XXXII, Beja.

R. Parreira e A. Monge Soares (1980) — Zu einingen bronzzeitlichen Höhensiedlungen in Sudportugal. *Madrider Mitteilungen*, n.º 21.

C. Tavares da Silva e J. Soares (1978) — Uma jazida do Bronze final na Cerradinha (Lagoa de Santo André, Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*, Vol. IV, Setúbal.

C. Tavares da Silva e J. Soares (1979) — O monumento I da necrópole do «Bronze da Sudoeste» do Pessegueiro (Sines). *Setúbal Arqueológica*, Vol V.

C. Tavares da Silva e J. Soares (1981) — Pré-história da área de Sines. *Gabinete da Area de Sines*, Lisboa.

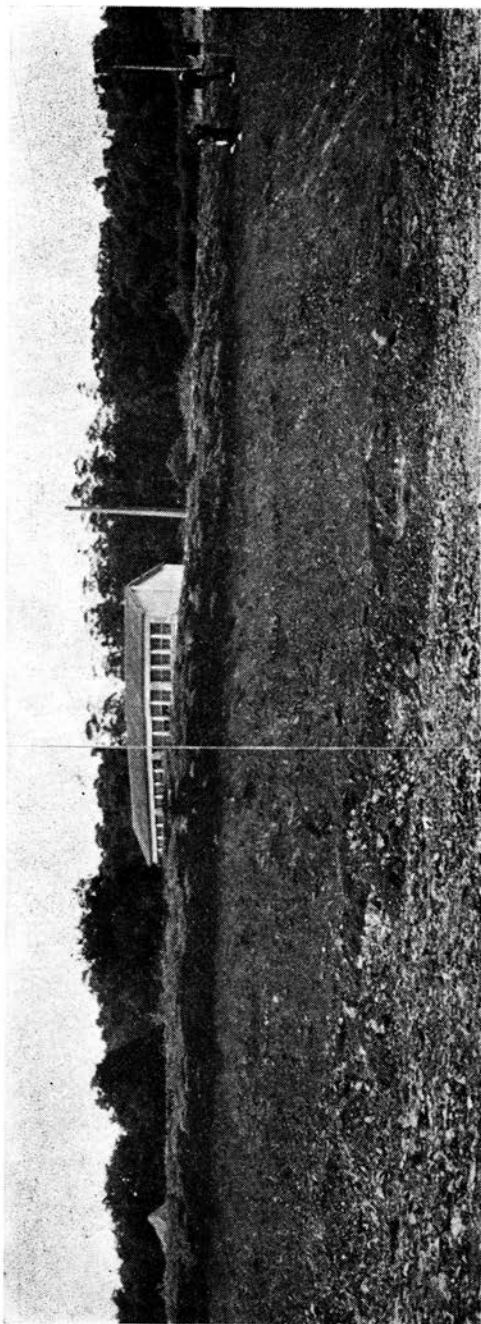
RÉSUMÉ

Un «hameau» pré-historique, localisé dans l'aire urbaine de Lisbonne (Tapada da Ajuda) est étudié. Du point de vue géologique et géomorphologique, il est situé sur un versant du Complexe Basaltique de Lisbonne (5ième coulée lavique), de déclive doux et sans défenses naturelles.

Parmi les industries recueillies, presque exclusivement à la surface, on peut remarquer l'abondance d'éléments de faucille, sur éclats, en silex (134 exemplaires), quartzite (1 exemplaire) et calcédoine (1 exemplaire), associés à d'autre matériel lithique dont la chronologie fût impossible d'être précisée, vu l'inexistence d'indications stratigraphiques, et d'une abondante céramique e l'Âge du Bronze, dont une partie est de fabrication locale (la présence de minéraux ferromagnésiens dans les pâtes en est témoin).

La réalisation d'un talu d'excavation destiné à un terrassement (qui a détruit une partie importante de la station), a permis l'observation d'une coupe où se concentraient des résidus de cuisine, en particulier de la faune malacologique (surtout *Ostrea edule*). Des éclats résiduels y ont été recueillis, et aussi un racloir lateral denticulé, deux éléments de faucille sur éclats et des morceaux céramiques typologiquement caractéristiques du Bronze final.

Une analyse comparative des objets étudiés a permis de conclure sur l'exclusivité des éléments de faucille sur éclats en stations de l'Âge du Bronze, au contraire des époques antérieures, où ces éléments étaient surtout façonnés sur lames. La rareté des faucilles en bronze (dont on a récemment inventarié seulement 19 exemplaires pour le Portugal), à une époque si tardive de l'Âge du Bronze, peut donc s'expliquer par l'efficacité de celles de silex, très abondants, surtout dans les «habitats-hameaux» de la Péninsule de Lisbonne. Ce modèle d'organisation sociale, qui correspond une à dispersion du peuplement semble caractériser, à cette époque, la fertile région que nous venons de mentionner et pourrait donc correspondre à une société au pouvoir centralisé, administrant tout une région, semblable à celui preconisé pour le Bas Alentejo, à la même époque (C. Tavares da Silva e J. Soares, 1978).



A



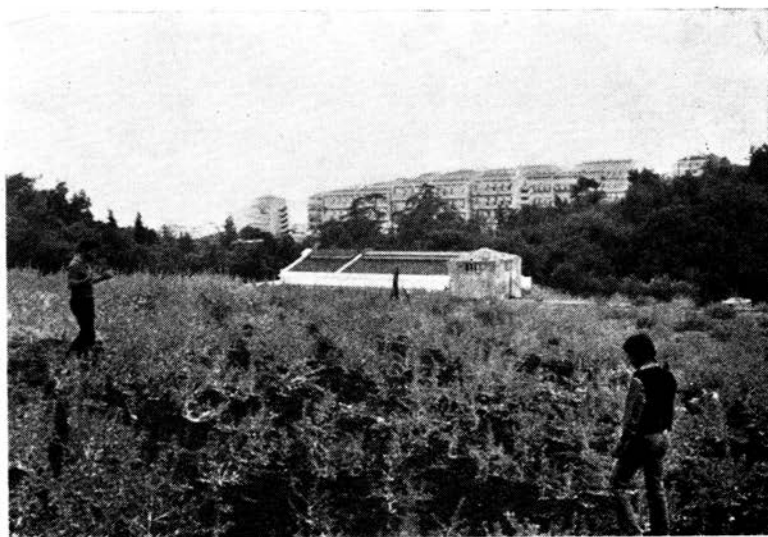
B

A — Aspecto do talude de escavação do limite N da estação, vendo-se a camada arqueológica (a escuro), assente sobre o substrato basáltico. A distribuição dos artefactos é muito irregular, concentrando-se estes na zona do canto direito da estampa.

B — Aspecto dos «restos de cozinha» postos a descoberto na zona anteriormente referida.

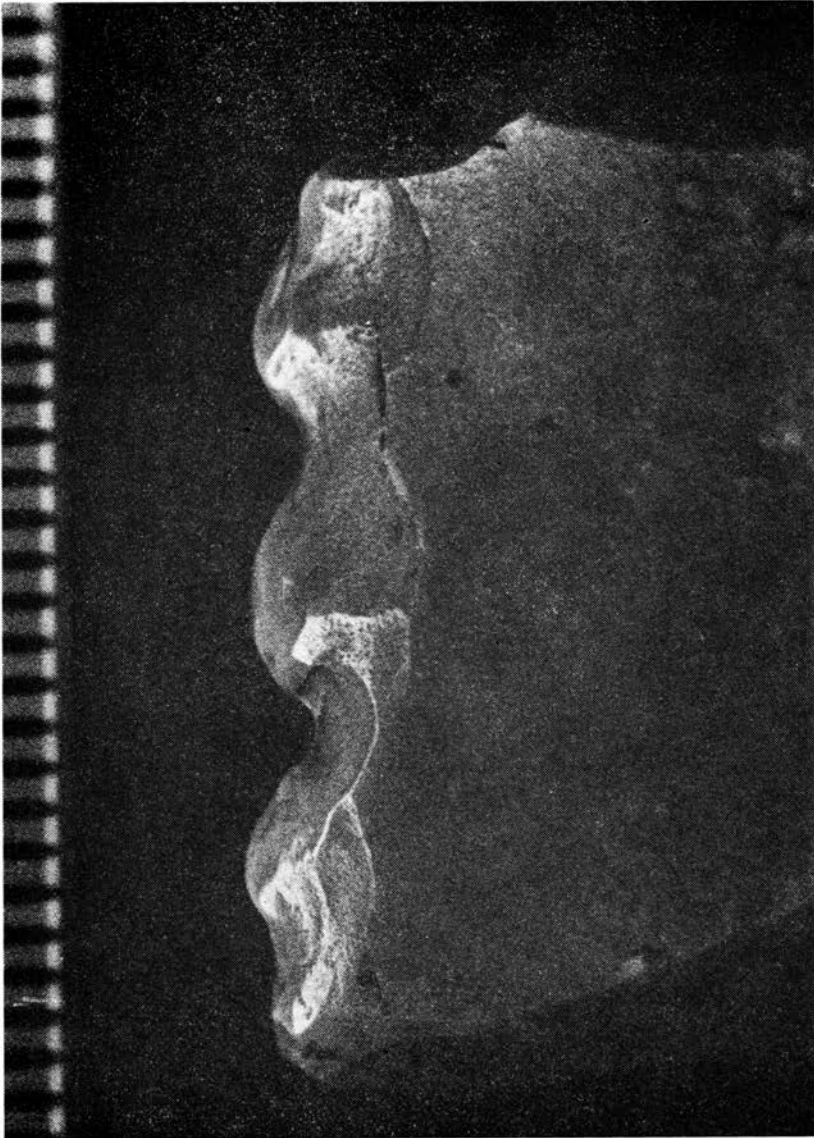


A



B

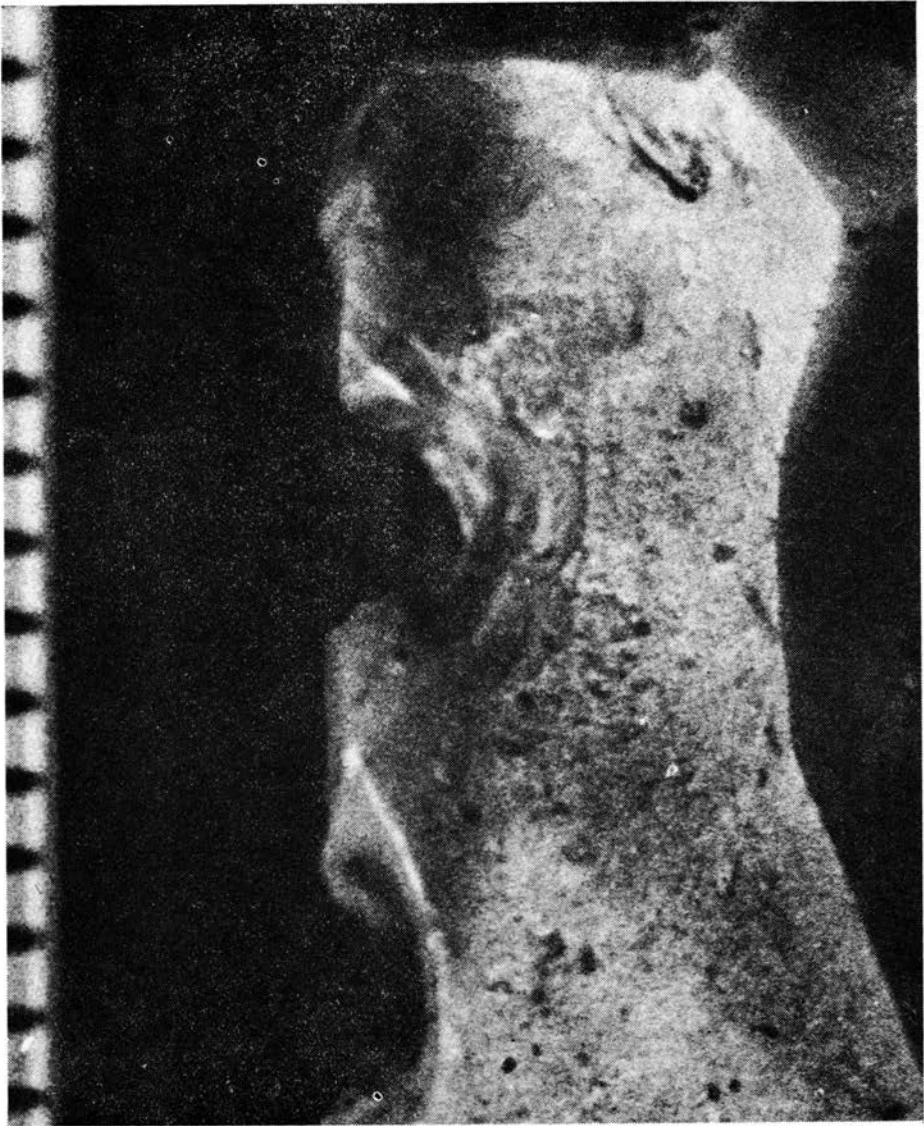
A, B — Aspecto da zona meridional da jazida.



Pormenor do gume do elemento de foice representado na Fig. 4, n.º 17.



Pormenor do gume de elemento de foice, vendo-se claramente o modo como ele foi obtido: por percussão de uma ponta dura, possivelmente metálica, actuada perpendicularmente ao plano da lasca.



Aspecto do gume apresentado na figura anterior.